



Patrícia Carreiro \*

## Communicare: tornar comum

# “Mãe, quer brincar?”

Da minha infância recorro às brincadeiras com as bonecas, com as louças de barro, compradas nas Festas do Senhor Santo Cristo pela minha avó, e da sopa de terra e erva que ali fazíamos e que funcionava como sopa de couves.

Brincava sempre com a minha irmã, mais velha quase três anos, e com algumas vizinhas mais próximas.

Eram tempos felizes, alturas em que íamos para casa uns dos outros sem pensar se as suas escolas tinham fechado, se havia meninos ou professores infetados, entre tantas outras preocupações que as crianças hoje em dia têm.

Eram tempos felizes.

Hoje brinco muito com a minha filha. Redescobri a forma de fazer casinhas de bonecas, de fazer plasticina, de pintar – de várias maneiras – e de construir legos. Não me lembro de muitos destes pormenores no meu tempo de menina, mas revejo-me na que agora estou a criar e a ajudar a crescer.

A frase que mais adoro ouvir da sua boca é: “Mãe, quer brincar?” E quase sempre quero, mesmo, o que facilita muito a tarefa.

Tenho discussões diárias comigo própria sobre o que faço corretamente com ela e sobre as minhas falhas enquanto mãe, mas uma coisa já descobri: sempre que brinco com ela, sinto-a bem, assim como eu.

E isso faz-me tirar uma conclusão: brinquemos com os nossos filhos; a louça pode esperar, a roupa



também, mas eles – os nossos rebentos – não.

Daqui a nada já não querem brincar connosco e vão seguir o rumo normal das suas vidas – assim como nós; daqui a nada a nossa parentalidade fica mais complexa e difícil de realizar, porque eles querem fazer outras coisas que não brincar; daqui a nada eles quererão falar com outras pessoas que não nós e sentir-nos-emos – certamente – encostados a um canto sem margem de manobra para conseguir chegar aos pontos mais importantes das vidas dos nossos filhos.

Daqui a nada eles serão outros, e nós também.

Por isso, tenho aprendido que a brincar também educamos, também criamos laços e somos, certamente, mais felizes.

Brincar não é apenas uma forma de entreter as crianças enquanto nós fazemos múltiplas tarefas para conseguir ter tudo em ordem; brincar é perceber as estratégias de sobrevivência dos nossos filhos, as suas escolhas, gostos e muito mais.

Por isso, brinco.

Por isso, sou mais mãe quando me permito brincar sem olhar a mais nada.

Por isso, sinto a minha filha mais feliz.

O que é a parentalidade, afinal, senão uma segunda oportunidade de vivermos infâncias felizes, novamente ou pela primeira vez, rodeadas de brincadeiras simples e básicas, como seja fazer uma casinha de bonecas com um caixote de fraldas, ou montar uma árvore de Natal e ficar contente por ver tudo em desordem para um fim maior e melhor?

O que é a parentalidade, afinal, se não nós mesmos e os nossos filhos, os laços que criamos e os corações que abraçamos? E isso resulta muito mais se tivermos vontade de brincar outra vez!

E quando ouvirmos das suas bocas pequenas, perfeitas e inocentes a pergunta “Mãe, quer brincar?”, então brinquemos e deixemos todo o resto para depois.

Nós seremos a estrutura deles hoje e sempre. Por isso, e que tal se começarmos hoje?

\* [www.patriciacarreiro.blogspot.com](http://www.patriciacarreiro.blogspot.com)



Chryst Chrystello\*

# Um pequeno conto surreal

Uma mulher fez-se explodir no centro de Tunes, capital da Tunísia. A explosão ocorreu na movimentada avenida Habib Bourguiba. Oito dos feridos são agentes da polícia.

A mulher usou uma granada de fabrico caseiro com pequenas quantidades de explosivos. Fotografias entretanto publicadas pela rádio nas redes sociais mostram uma mulher no chão, aparentemente morta, com ferimentos na anca esquerda, vestida com calças e blusão escuro, com véu.

Desde a revolução que fez cair a ditadura de Ben Ali, em Janeiro de 2011, a Tunísia foi palco de centenas de atentados que quase acabaram com o turismo, setor responsável por 7% do PIB.

Era jovem e sonhava com revoluções, uma alma perdida nos labirintos do Daesh que sonhava com as suas 72 virgens nos céus e o fim dos infelizes cristãos que dominam o mundo e conspiram contra a memória de Alá.

Quando viu o Pedro Paulo Câmara após este a fotografar nas pedras do cais em Lisboa, trocava com ele um breve e tímido sorriso e dele ouviu estas palavras.

Foto: Pedro Paulo Câmara



*Quando, no cais das minhas colunas, uma imagem fala por si, fala pelo mundo. Voa, gaivota, voa de asas milenares, mais velhas e usadas do que esta nação ou esta Europa casa-mãe e casa-mar. Voa e recebe nos teus ninhos todos quantos de amparo precisam.*

Não entendeu então que a Ibéria em tempos fizera parte desse sonho do Al-Andalus e ainda éramos todos aparentados, herdeiros dessa vivência intemporal que unia credos distintos séculos antes das fogueiras da Inquisição.

Nada tinha a temer, nem era ucraniana para morrer torturada numa sala do SEF no aeroporto de Lisboa no séc. XXI.

Subiu aos céus na Tunísia sem saber da pandemia de Covid-19 ignorando que como descendente renegada de sefardita podia requerer a nacionalidade portuguesa e ser feliz aqui em frente ao Tejo.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 [Australian Journalists' Association MEAA]